

MILTON SANTOS EM “UM MUNDO GLOBALIZADO?”

MILTON SANTOS IN A “GLOBALIZED WORLD?”

Eu acho que essa nossa tarefa no começo do século XXI é a recriação da cidadania, mediante uma outra globalização, horizontalizada e não verticalizada como a atual, na qual a vida não seja tributária do cálculo, mas haja espaço para a emoção – que é o que une os homens. (SANTOS, 2002, p. 141)

ADRIANA GOMES VENÂNCIO ¹

Recebido em: 05/03/2012

Aprovado em: 18/08/2012

RESUMO

Este artigo pretende discutir algumas ideias de Milton Santos a respeito da globalização, os impactos que esse fenômeno vem trazendo para as relações econômicas/sociais das comunidades atingidas por ele, e de como essa influência pode servir de impulso para uma reorganização histórica, em que educação e ciência possam auxiliar na reconstrução de novos parâmetros para a humanidade não apenas no âmbito social, mas também no econômico e político. Segundo Milton Santos (2002, p. 141), para que as mudanças social e política aconteçam nas sociedades globalizadas, serão ainda necessárias duas outras grandes mutações: a mutação tecnológica (quando a utilização desta for democratizada a serviço do homem) e a mutação filosófica da espécie humana (capaz de atribuir um novo sentido à existência de cada pessoa e também do planeta). Tendo como pressuposto essa visão geral, pensamos que a conquista de um mundo mais humano passa também por uma educação e uma ciência que atuem na promoção da tão necessária liberdade cidadã.

Palavras-chave: Milton Santos; Transformação social; Ciência e Cidadania; Humanização; Educação e liberdade.

1 Introdução

Todos os dias, chegam-nos notícias dos mais diversos meios e fontes de comunicação de que, em algum local do mundo, pessoas morrem de fome, ou que os índices salariais caem cada vez mais, ou que as grandes empresas mais poluidoras do mundo não estão preo-

ABSTRACT

This article aims to discuss some ideas of Milton Santos about Globalization, showing the impacts which that phenomena is bringing up to the social and economic relations within the communities that it attains, as well as about how that influence of globalization may serve as a impulse towards a historical reorganization, in which Education and Science can help to reconstruct some new parameters for mankind, not only in social environment, but also in that political and economic one. According to Milton Santos, two major changes are necessary so that a social and political change can happen in globalized societies: the technological mutation (when its use and access will be democratized in the service of man) and the philosophical mutation of human species (which will be able to give existence of each people and that of the planet a new meaning). Considering this general view as a fact, we think that achieving a more human world requires necessarily an Education and a Science which act together towards a promotion of a “citizen Liberty”.

Keywords: Milton Santos; Social Transformation; Citizenship; Humanization; Education and Liberty.

cupadas efetivamente em mudar suas políticas em relação ao meio ambiente, ou que as taxas de pobreza continuam aumentando em muitos lugares do planeta e que a violência cresce mesmo nos ambientes de maior crescimento econômico. Esses problemas são, de fato, notados por muitos de nós, porque, de uma maneira ou de outra, somos afetados di-

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Brasília (UnB), Brasil. Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Historiadora pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Há mais de 15 anos, vem atuando como educadora, pesquisadora e consultora de projetos na área de História e Educação Patrimonial. É coautora da Coleção Conhecer e Crescer de História, pela Escala Educacional, e autora de artigos para revistas e outros periódicos.

retamente por eles. Mas, embora eles nos afetem, percebê-los e constatar que eles existem não nos habilita a atuar no sentido de combatê-los para que possam ser superados realmente. Esse sentimento de inação, embora nos deixe aparentemente atados por não sabermos ao certo o que fazer para mudar tais realidades, pode estar ligado a nossa falta de percepção política e social sobre o que esses problemas podem causar em nossas vidas.

2 Entre a fantasia e o real

Milton Santos (2010) observa que o estágio atual da globalização está produzindo mais e mais desigualdades sociais, e, ao contrário do que se esperava no passado, continuam a crescer o desemprego, a pobreza, a fome, a insegurança do cotidiano, num mundo onde se ampliam as fraturas sociais. Sedados diante de tais realidades, o que poderia justificar esse tipo de imobilidade social à qual nos submetemos constantemente, em nosso dia a dia?

Para pensar sobre essas e outras questões, vamos dedicar aqui nossa busca teórica às leituras que fizemos de Milton Santos, não apenas no sentido de refletir, mas principalmente de compreender o nosso papel como pensadores e educadores deste mundo ocupado pelo fenômeno da globalização².

Na antiguidade clássica, era muito conhecido, entre os gregos, o drama vivido por duas Deusas que se odiavam brutalmente, a ponto de nunca poderem ser vistas uma pela outra. Eram elas a Deusa da Verdade e a Deusa da Mentira. No Olimpo, um dos desafios de Zeus e dos outros Deuses e Deusas era o de arranjar para que nunca uma delas se encontrasse com a outra. Dessa forma, era comum o fato de que onde se encontrava a Deusa da Verdade, jamais

a Deusa da Mentira poderia ser vista. E a paz reinava em todos os campos e lugares. No entanto, é sabido por todos que grandes festas eram realizadas pelos Deuses para celebrar seus feitos entre os homens. E foi numa dessas festas consagradas por Baco com os melhores vinhos que talvez uma das maiores tragédias da história do Olimpo sucedera: após intermináveis dias de comemoração, a embriaguez era sem dúvida a única que reinava. Nesse ambiente, já farta de tanto vinho, a Deusa da Verdade resolve ir até os jardins daquele templo para tomar o ar fresco que lhe traria mais ânimo para prosseguir nos festejos. Porém, o mesmo se deu com a Deusa da Mentira, também já indisposta de tanta beberagem. Foi assim, numa sequência de fatos, que o inevitável aconteceu: num encontro súbito, cada uma delas desembainhou imediatamente sua espada, numa luta desenfreada e sangrenta, de golpes que se seguiam sem trégua. Durante horas que pareciam infinitas, elas duelaram como jamais se tinha visto em todo o Olimpo, adentrando inclusive os primeiros raios que nasciam pela manhã. Dessa forma, depois de longos e exaustivos esforços investidos de uma contra a outra, a Deusa da verdade consegue empreender um golpe fatal, cortando em definitivo a cabeça da Deusa da Mentira. Mas o que não era previsto também aconteceu e, numa ironia do destino, a Deusa da Verdade recebeu simultaneamente o mesmo golpe daquela que atingira, perdendo também a própria cabeça. O que se seguiu talvez justifique as maiores tragédias e injustiças que vêm acontecendo ao longo de todos os tempos, nos mais diversos pontos da Terra: a Deusa da Verdade saiu tateando ao seu redor em busca de sua cabeça e, assim que encontrou algo semelhante, restituiu o achado ao seu local de origem. Da mesma forma procedeu a Deusa da Mentira. Nesse momento, já extasiados com tanta brutalidade, os Deuses do Olimpo assistiram à cena que mudaria comple-

² Milton Santos nota que a globalização é o estágio supremo da internacionalização e que o processo de intercâmbio entre países, o qual marcou o desenvolvimento do capitalismo desde o período mercantil dos séculos XVII e XVIII, expandiu com a industrialização, ganhando novas bases com a grande indústria nos fins do século XIX, e que agora adquire mais intensidade, mais amplitude e novas feições, tornando-se envolvido em todo tipo de troca: técnica, comercial, financeira, cultural. (2002, p. 78).

tamente o curso da humanidade: foi o momento em que ambas as Deusas trocaram para sempre as suas cabeças, de modo que, desde então, nunca mais se soube ao certo o que poderia representar de fato a verdade ou a mentira.

Talvez esse mito originário da antiguidade clássica possa ajudar-nos a figurar, ainda que através do caminho da narrativa lírica, um pouco da dualidade que passou a existir em relação ao conceito de verdade embutido nos valores humanos de nossa sociedade atual, tão entranhada numa ideologia globalizada. Nesse movimento, a chamada globalização como fábula é, para Milton Santos (2002, p. 79), a prática hábil do mercado em vender "mentiras" fantasiadas em "verdades". Para que as pessoas possam compreender a dupla face desse tipo específico de "verdade", é preciso que a Educação, o Estado e os demais meios de informação assumam também o papel de denunciar a imensa distância que separa um e outro. Em outras palavras, é preciso que cada cidadão tenha consciência de que o consumismo passou a existir como uma lei permanente da vida das pessoas e deixou de ser o meio para ser o fim dos problemas de todas as necessidades humanas. É fundamental que cada cidadão possa entender que a prática do "sobrecapitalismo" gera um sentimento ilusório de realização pessoal (tão bem instilado pela força de mercado) e isso garante a continuidade do sistema lucrativo das grandes empresas internacionais.

Para Milton Santos (1987, p. 125), a grande tarefa pedagógica do momento histórico pelo qual estamos passando é a de capacitar os cidadãos para criticarem o consumismo e reaprenderem as tarefas da cidadania, objetivos que não podem ser alcançados separadamente. Infelizmente, o próprio Brasil sofreu com uma convivência do Estado, da Educação e dos meios de informação no sentido de colaborar com essa vertente consumista. É dessa forma que a ideologia do consumo foi ficando cada vez mais impregnada na

população em geral.

Ao discutir sobre a doença do comprar desenfreado, Milton Santos (1987) nota que a primeira reação da população pobre, como qualquer outra, é a do consumo, e que isso é normal; mas que depois se descobre que não basta consumir, ou que, para consumir de forma permanente, progressiva e digna, é necessário ser cidadão.

Dessa maneira, um grande dilema a ser desvendado em nossa atualidade é a confusão entre quem é o cidadão e quem é o consumidor, pois a educação, a moradia, a saúde, o lazer aparecem como conquistas pessoais e não como direitos sociais, e essa doença cívica, segundo Milton Santos (1987, p.127), vai tomando um lugar sempre maior em cada indivíduo, o lugar do cidadão vai ficando menor, e até a vontade de se tornar um cidadão por inteiro se reduz. Talvez por isso, esses que são, na realidade, tidos como bens públicos, passem a não sê-lo, transitando do lugar de "dever social" do Estado para o de bens de mercado.

Em meio a uma pequena lista de prioridades básicas que nos são minimamente necessárias a nossa sobrevivência, tais como educação escolar e universitária, saúde, segurança, moradia e lazer, percebemos que estas formam, sem dúvida, um apanhado de gastos que consomem a maior parte de nossos proventos e que, com isso, deixam-nos a sensação de que nossa qualidade de vida é bastante razoável quando somos capazes de pagar por todas elas, pois esses valores reais conseguem, de alguma maneira, cobrir a realização de nossas necessidades, ainda que minimamente. No entanto, cada uma dessas prioridades pagas pelo nosso orçamento é, na verdade, um dever que o Estado tem para com todos os seus cidadãos. Mas, nessa relação entre os cidadãos pagantes/consumidores, o Estado e Empresas privadas, vale a pena refletir sobre quem são, de fato, os verdadeiros beneficiados dessa tríade, já que, em cada um desses serviços contratados

por nós, provavelmente algum tipo de mercado empresarial está sendo favorecido, direta ou indiretamente.

Ao mesmo tempo em que prega a ausência estatal na área produtiva, o tipo atual de globalização atribui ao Estado capitalista um grande poder sobre os indivíduos, com o discurso de restaurar a saúde econômica do país através da privatização de suas funções públicas. É assim que o Estado passa a defender a posição de que o poder público é incapaz de assumir as próprias responsabilidades. Em contrapartida a esse discurso falsamente empreendedor, são anulados os direitos, como os que envolvem a justiça salarial, a eficácia administrativa do poder público, a educação/informação de qualidade e a própria preservação da cultura (SANTOS, 1987, p. 11).

Ao longo de todos esses anos de globalização, a experiência que vem se configurando é a de que a noção de direitos políticos e de direitos individuais vem sendo cada vez mais anulada. Contudo, numa educação que liberta, o que pode mudar na nossa percepção de mundo e também de nós mesmos?

Para Milton Santos (1987), a educação política/social/cívica é um poderoso instrumento de informação, capaz de fazer com que cada um de nós passe a exigir do Estado uma política pública, em que a economia vá sempre favorecer o cidadão. É dessa forma que o referido autor critica as formas de

educação feito mercadoria, [pois estas] reproduzem e ampliam as desigualdades, sem extirpar as mazelas da ignorância, promovendo apenas a produção setorial, profissional, consumista que criam afinal gente deseducada para a vida (SANTOS, 1987, p. 99).

Porque a educação que liberta deve ensinar a criticar todo tipo de informação recebida tanto para reclamar por seus direitos, quanto para recusar políticas que favoreçam a pobreza, exigindo que os noticiários de cada dia

servam como instrumento de denúncia das injustiças sociais, em que todos os homens possam perceber a existência de tais mecanismos, dominando os métodos de controle sobre eles. Só assim

o morador-cidadão, e não o proprietário-consumidor, veria a cidade como um todo, pedindo que a façam evoluir segundo um plano global e uma lista correspondente de prioridades, em vez de se tornar o egoísta local, defensor de interesses de bairro ou de rua, mais condizentes com o direito fetichista da propriedade do que com a dignidade de viver como cidadão (SANTOS, 1987, p. 129).

O fato é que urge uma educação que priorize, através de um trabalho maciço de mediação, uma formação cidadã politizada através de cada pessoa/setor ligados ao ato de educar, e aqui vale citar, entre as pessoas/instituições que estão por trás de todos os segmentos da nossa sociedade – da mídia televisiva, virtual e demais meios de comunicação –, também as que atuam nas escolas, universidades, que levam cultura, informação, lazer e diversão às comunidades – do teatro, cinema, assim como ONGs e demais projetos sociais. Só um compromisso verdadeiramente militante de todas essas pessoas/instituições pode ajudar na construção do cidadão que consegue perceber de fato que os modelos econômicos é que têm de estar subordinados aos modelos cívicos, e não o contrário. O educar para uma cultura solidária, em que todos tenham o conhecimento de como agir sobre os meios de pressão política, no sentido de intervir e exigir que os seus direitos sejam respeitados em qualquer lugar do país, pois

quando aceitamos que sejam pagos salários de fome a uma boa parte da população, é certo que estamos longe de possuir uma verdadeira cultura (SANTOS, 1987, p.05).

A triste realidade é que, até ago-

ra, a educação pregada pela cultura da globalização parece estar em vantagem em relação à educação cidadã e solidária, pois as perversas doenças neoliberais estão em alta. Ao tratar dos males como a competitividade, por exemplo, Milton Santos destaca que “a meta em vencer o outro a todo custo, mesmo que o esmagando para tomar o seu lugar, virou uma norma que justifica toda forma de apelo à força” (2010, p. 46). Uma informação importante quando se toca no assunto da cidadania é que, no Brasil e no terceiro mundo, não criamos um cidadão, enquanto o primeiro mundo o preparou desde o Iluminismo.

Para Santos (2010), pensar numa educação que liberta é reconhecer que ela é capaz de fomentar a criação de lideranças que possam se colocar como alavancas de mudança e de influência para a geração de uma nova sociedade, com ideias-força que sirvam ao “pensamento criador” e à instauração de uma verdadeira exigência militante, para conduzir as políticas públicas e cívicas do país, sejam elas referentes ao papel do país, do estado ou do município. Por isso, o autor defende que a educação não deve ter como objetivo real armar o cidadão para a guerra da competição com os demais, mas que sua finalidade deve ser a de formar gente capaz de se situar corretamente no mundo, aperfeiçoando a sociedade humana como um todo. É dessa forma que a “educação feita mercadoria só faz reproduzir e ampliar as desigualdades, sem extirpar as mazelas da ignorância” (1987, p. 99).

Logo, para Milton Santos (1987), a escola só poderá combater o chamado deficiente cívico à medida que reasumir os seus princípios fundamentais: os ideais de universalidade, igualdade e progresso – por uma outra globalização, mais humana – que garantam a formação integral das novas gerações. Nesse sentido, a democratização tecnológica, através do fácil acesso e domínio das técnicas de informação, poderá finalmente estar a serviço do homem do povo, dan-

do voz e, ao mesmo tempo, institucionalizando o exercício de uma nova história, com condições objetivas, materiais e intelectuais de enfrentar o começo dessa nova trajetória (2002, p. 152).

Analisemos a seguinte frase do filósofo Rabbi Hillel, citada por Milton Santos: “Se não sou por mim, então quem será por mim? E se não sou pelos outros, então o que sou?” (1987, p.77-78).

Poderíamos pensar, com a ajuda de Milton Santos (1987), que, em cada sociedade, a educação deve ser concebida para atender, ao mesmo tempo, ao interesse social e ao interesse dos indivíduos. É a partir da combinação desses interesses que emergem os seus princípios fundamentais, e são estes que devem nortear a elaboração dos conteúdos do ensino, das práticas pedagógicas e da relação da escola com a comunidade e mundo. Portanto, o cidadão existe sempre em dois contextos distintos, mas interdependentes: como indivíduo uno em suas especificidades; mas também como ser social quando se pensa como parte de um todo comum (de uma comunidade, região, nação, etc.).

Milton Santos (1987) pontua que a escola precisa, ao mesmo tempo, atender os interesses individuais de seus educandos no que se refere à construção da pessoa, seja na perspectiva afetiva/intelectual, na sua promoção através do trabalho, seja na sua realização plena e permanente como pessoa e nos seus desdobramentos como ser social. Nesse processo, através das formas de convivência civilizada, alicerçadas na solidariedade social, destaca-se o papel de cada cidadão na manutenção da identidade nacional, na continuação da nação, no desejo pelo progresso e na preservação da cultura (2002, p. 149).

Quando Milton Santos (2002) discute o papel do intelectual no Brasil, notamos, em seu discurso, uma grande coerência entre o que ele sugere como sendo o dever a ser cumprido por todo intelectual brasileiro e o seu próprio exemplo de grande pensador e militante das causas huma-

nas em diferentes contextos econômicos, sociais, políticos e culturais do Brasil.

Ao tratar dos elementos que considera particularmente importantes nessa atuação, Milton Santos (2002) ressalta que, num mundo em que as ideias são um respaldo necessário aos processos de reconstrução democrática, os intelectuais apresentam um papel fundamental. No entanto, o autor destaca que, na atualidade, esses mesmos intelectuais têm destinado seus esforços mais no sentido de favorecer uma militância de discursos ambíguos e momentâneos do que para um trabalho permanente e gradual de conscientização coletiva.

Para Milton Santos (2002, p. 44), os intelectuais deveriam se esmerar em fazer eco às reivindicações mais profundas das populações carentes, no sentido de intervirem nos projetos políticos e sociais do país. Dessa forma, aos intelectuais, caberia oferecer à sociedade, através dos mais diversos segmentos, organizados ou não (associações, sindicatos, igrejas, partidos), uma profunda reflexão social de sua própria realidade contraditória, alertando-a sobre as possibilidades de um fazer político que esteja condizente com as demandas e interesses sociais da maioria da população. Talvez por essa imensa preocupação em relação às intervenções que os intelectuais deveriam carregar como princípio de sua práxis, nosso filósofo define que, para ele, “intelectual é o indivíduo que tem um compromisso único com a verdade e que está muito mais preocupado com o prestígio do que com o poder” (SANTOS, 2007, p. 18).

Se entender o mundo de hoje é um problema para os intelectuais brasileiros, o nosso prêmio Nobel da Geografia Brasileira observou que, nas teses de um modo geral, de praticamente todos os centros e faculdades, o mundo é quase ignorado. E estudar o mundo é, para Milton Santos (2007, p. 100), trabalhar com o “como” ensinar à população sobre o que é o mundo, quais são as relações que comandam a vida nacional, como é que os fenômenos sociais e econômicos

se realizam, através de um discurso crítico e não de uma mera análise.

Nesse sentido, observa Hilton Japiassu (1978, p. 247), que a ciência está ainda em débito com o objeto de estudo “homem”. Nessas premissas, destaca a dificuldade cada vez maior em se praticar a pesquisa na qual o homem é, ou deveria ser, tomado como o elemento fundamental, num lugar em que a ciência está voltada ao setor econômico e à produção e ao aumento de bens de consumo. É nesse ambiente que as ciências humanas acabaram por contribuir com o desaparecimento de numerosas civilizações equilibradas. Nessa herança, cabe, agora e mais do que nunca, aos intelectuais, a responsabilidade por terem compreendido demasiadamente tarde que o homem deveria ter sido estudado, antes de tudo, como ser humano, e não, prioritariamente, como um cliente possível.

Tendo dedicado a vida a pensar os problemas sociais do Brasil, Milton Santos (2007) observa que, em nosso país, a economia tomou o lugar da filosofia na centralidade das ciências sociais, e que essa centralidade da economia fez com que a elaboração do pensamento social brasileiro fosse marcado pela economia, ampliando o prestígio dos economistas, mas, ao mesmo tempo, rebaixando, por exemplo, o dos filósofos e também o do debate mais filosófico (SANTOS, 2007, p. 141).

Talvez uma das maiores contribuições da filosofia seja a de ajudar a resgatar a liberdade humana. Segundo Flusser (2002), a filosofia é necessária porque, mesmo num mundo programado por grandes blocos econômicos, ela traz o exercício do pensar sobre o significado que cada homem pode dar à sua própria vida e, ao mesmo tempo, consegue apontar para um caminho de liberdade (2002, p.9).

Nesse papel filosófico, não apenas do intelectual, mas também da própria universidade, cabe a construção de uma visão abrangente e dinâmica do que é o mundo, do que é o país, do

que é o lugar, e do papel de denúncia, isto é, de proclamação clara do que é o mundo, o país, e o lugar, dizendo tudo isso em voz alta. Essa crítica é o próprio trabalho do intelectual e poderia ser o trabalho do professor e do pesquisador.

Ainda como estudante, Milton Santos foi responsável pela fundação da União Brasileira dos Estudantes Secundários e também escreveu no jornal “O Momento”, além de ser diretor da Imprensa Oficial e, ao mesmo tempo, professor da Universidade Federal da Bahia. Talvez por sua opção em ser intelectual e defensor das causas populares simultaneamente, defende a bandeira de que ser intelectual é exercer diariamente rebeldia contra conceitos assentados, tornados respeitáveis, mas falsos. É também aceitar o papel de criador e propagador do desassossego e produtor do escândalo se necessário (SANTOS, 2007, p. 149).

3 Considerações finais

Na atual fórmula globalizada de mundo, aparecem “ingredientes” como a perda da identidade cidadã e as doenças cívicas. Na chamada “globalização como fábula” (SANTOS, 2002, p. 37), o mundo passa a vender fantasias, solidificando mentiras, através de uma máquina ideológica abastecida de peças que se alimentam mutuamente, garantindo a continuidade do sistema por meio de um mercado avassalador, no qual as diferenças locais são aprofundadas e o consumo é estimulado – para atender às finanças das grandes empresas internacionais.

Sendo esta, portanto, uma “globalização perversa” (SANTOS, 2002, p. 37), o desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta. Os salários baixam cada vez mais. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Surgem novas enfermidades, como a SIDA; velhas doenças aumentam; a mortalidade infantil permanece; a educação de qualidade é cada vez mais inacessível.

Alastram-se e aprofundam-se males espirituais, como egoísmos, cinismos e corrupção. Aumenta a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos.

Nesse ínterim, Milton Santos (2002) aponta para dois segmentos de nossa sociedade que podem ajudar a transformar tal realidade globalizada: o papel dos intelectuais, da própria educação e dos que dominam a técnica e os meios de informação.

Quanto à função principal da intelectualidade, Milton Santos (2002) observa que a busca incansável pela verdade deve ser a grande missão dessa classe, pois são necessários esforços somados em prol de uma reformulação da própria ordem mundial, substituindo-a por uma ordem mais humana. Disseminando ideias que favoreçam o fim da pobreza no mundo, os intelectuais podem ajudar a corrigir os rumos equivocados das grandes empresas e dos Bancos mundiais e, mesmo num mundo globalizado, fazer triunfar os interesses da nação.

À Educação, por sua vez, cabe o papel de escuta de uma realidade vivida, para canalizá-la a uma realidade refletida. Uma pedagogia da existência (SANTOS, 2002, p. 16), em que o grande desafio é aprender como passar de uma situação crítica para uma visão crítica – e, em seguida, alcançar uma tomada de consciência. Para isso, é fundamental que todos os setores, pessoas e instituições ligadas à Educação capacitem cada cidadão para viver a própria existência não só como algo unitário e verdadeiro, mas também como um paradoxo: obedecer para subsistir e resistir para poder pensar o futuro, de forma que essa própria existência passe a ser produtora de sua própria pedagogia. Segundo Marta Maia (2009, p. 14), algumas experiências já realizadas explicitam este caráter polissêmico do real, pois, quando o cidadão é chamado a participar do espaço público, demonstra que tem muito a dizer: é só ter espaço.

Num contexto em que a maior parte da população ainda se encontra na

pobreza, a Educação encontra um terreno fértil de atuação política e social de conscientização, tendo em vista que as condições históricas estão dadas para que surja um movimento mundial de baixo para cima, a partir das insatisfações criadas pelas desigualdades sociais da privatização e inação dos estados. É o caso dos movimentos populares que exigiram a reestatização do petróleo e gás da Bolívia e no Equador. Por isso, Milton Santos (2002) defende que o domínio da liberdade é dos pobres, pois a classe média está presa ao passado e às relações de emprego.

Nesse contexto, a esperança de surgimento de uma outra globalização começa a apontar: se houver o engajamento por parte dos setores educativos que disseminam os saberes que envolvem os progressos da informação e da técnica, assim como da apropriação cada vez maior de tais saberes, somados à mistura de filosofias, essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, sendo postas a serviço de outros fundamentos sociais e políticos. Nesse sentido, poderemos finalmente caminhar para a emergência de duas grandes revoluções mundiais: uma delas que culminará na criação de uma nova história, num contexto de enorme mistura de raças, povos, culturas, gostos, em todos os continentes. A outra emergirá de uma cultura popular que passe a se servir dos meios técnicos, exercendo sobre a cultura de massa uma revanche ou vingança, reconstruindo a base da sobrevivência das relações locais, abrindo a possibilidade de utilização do sistema técnico atual a serviço dos homens.

Na esperança de que nós, educadores, possamos aproveitar cada oportunidade histórica vivida para intervir positivamente na transformação de uma humanidade mais justa, terminamos este artigo com a frase de Milton Santos (*apud* SILVA & JÚNIOR, 2006), emocionados pela revolução que essas leituras trouxeram para a postura que devemos adotar como cidadãos e pensadores da Educação:

Serão os homens lentos e desprovidos das ferramentas da velocidade que vão mudar o mundo – os sem terra, sem escola, sem teto que sentem os dramas e que possuem tempo hábil para criar uma cultura diferente, com conteúdo político, dispostos a realizar ações solidárias, seguindo uma ética particular (SILVA & JÚNIOR, 2006, p. 26).

Referências

FLUSSER, Vilém. **Filosofia Da Caixa Preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

JAPIASSU, Hilton. **Nascimento e Morte das Ciências Humanas**. Rio de Janeiro (RJ): Editora Francisco Alves, 1978.

MAIA, Marta & OLIVEIRA, Dennis de. “Leitura Crítica da Mídia: A metodologia da Recepção cidadã aplicada ao jornalismo”. In **I Colóquio Olhares Sensíveis** - Fórum das Letras e das Letrinhas. Org. VENÂNCIO, Adriana. Minas Gerais: Universidade Federal de Ouro Preto, 2009.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SANTOS, Milton. **O País Distorcido**: O Brasil, a Globalização e a cidadania. Publifolha: São Paulo, 2002.

SANTOS, Milton. **Encontros**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record. 19ª edição, 2010.

SILVA, Maria Auxiliadora da & JÚNIOR, Rubens de Toledo. **Encontro com o pensamento de Milton Santos**: a interdisciplinaridade na sua obra. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Mestrado em Geografia, 2006.